

Ideias&

EDITORIAL

CORRENTE SE QUEBROU?

Desencontro entre presidente, governadores e prefeitos sobre isolamento social aumenta o risco para o país

A última semana, que começou promissora no enfrentamento ao novo coronavírus no país, terminou com notícias preocupantes no Brasil e também na região.

Até quarta-feira, quando o STF (Supremo Tribunal Federal) colocou uma coleira no presidente Jair Bolsonaro (sem partido) ao legitimar as medidas adotadas por governadores e prefeitos, tudo parecia bem. Era uma vitória da ciência contra o negacionismo. A maré começou a mudar na quinta-feira, com a demissão de Luiz Henrique Mandetta do Ministério da Saúde.

Além disso, prefeitos país a fora passaram a usar a decisão do STF para ignorar decretos estaduais de quarentena e reabrir os comércios.

Em ano de eleições municipais, era mesmo de se esperar que os prefeitos fossem os primeiros a cederem às pressões locais, ignorando as recomendações das autoridades mundiais de saúde apenas para

agradar seu eleitorado. Afinal de contas, se o vírus deixar, tem eleição em outubro.

Nessa sexta-feira, essa triste onda chegou à região. No mesmo dia em que o presidente disse “abrir comércio é risco que corro. Se piorar, vem para o meu colo”, o prefeito de São José dos Campos, Felício Ramuth (PSDB), editou um decreto que permitirá, a partir do próximo dia 27, a retomada de atividades comerciais não essenciais na cidade, ignorando a determinação do governador João Dória (PSDB), que é a de quarentena nos 645 municípios paulistas.

O momento, que exigia união de todos para ser superado, agora é marcado por desencontros. No segundo maior município da região, Taubaté, o prefeito Ortiz Junior (PSDB) informou que seguirá à risca o decreto de Dória, sem flexibilizar as regras. O mesmo deve acontecer na terceira maior cidade, Jacareí, comandada por Izaías Santana (PSDB).

Se um vírus identificado pela primeira vez na China no fim de 2019 já conseguiu, logo nos primeiros meses de 2020, se alastrar por todo o mundo, de que adiantará Taubaté e Jacareí seguirem as orientações da OMS (Organização Mundial de Saúde) e do governo estadual se São José as ignorar?

Com o isolamento social, o Brasil conseguiu reduzir a disseminação do vírus nas últimas semanas. O problema é que, para alguns desavisados, isso deixou a falsa impressão de que o pior já passou. ■



ARTIGO

SÓ ACABA QUANDO TERMINA

Poeta
Marcelo

Escritor e
jornalista

O Brasil tinha poucas chances de vencer a Argentina, na final da Copa América de 2004. Eu segui o ritual e fui ver o jogo na casa da minha avó. Meu pai colocou uma cadeira muito perto da TV (quase nariz na tela) e a vovó fez bolinho de chuva, como sempre.

Nosso time reserva resistiu até o final, quando a Argentina fez o gol que lhe daria o título. Daria. Futebol não acaba no final. Depois, ainda tem o finalzinho. E, na última bola, o Adriano fez um gol tão incrível quanto improvável. Coisa de Imperador. Na hora, corri feito louco pelo quintal e meu pai quase derrubou os bolinhos de chuva. A casa da vovó tinha essa coisa legal de ter quintal na frente, nos fundos, quintal

do lado. Dava para correr aqui-lo tudo gritando é campeão.

No ano seguinte, enfrentamos de novo a Argentina, dessa vez na Copa das Confederações. E, com time completo, foi muito mais fácil. Kaká fez um, Gaúcho outro e Adriano marcou logo dois. Coisa de Imperador. Mas foi estranho pra mim. Um mês antes, papai tinha perdido para seus excessos e o coração não aguentou.

Sabe, tem vezes nessa quarentena que me pego vendo jogo antigo. Mas sempre evitei essa final. Até a Globo anunciar que domingo, 16 horas, vai reprisar a partida.

Decidi que é hora de ressignificar: vou fazer bolinho de chuva, colocar uma cadeira bem pertinho da TV (quase nariz na tela), e correr pelo meu apartamento em cada gol como se fosse a primeira vez. Incluindo pela varanda de 1 metro e meio.

Cuide-se. Algumas saudades vão se encerrar ao fim da quarentena, num abraço. Outras, são para sempre. ■

IMAGEM DA SEMANA



Quarentena. Visão da cidade de São Paulo em 360°, da Avenida Paulista à zona Norte, durante o período de isolamento social

Daniel Linguete/Divulgação

CARTAS

Redação

redação@ovale.com.br

LIÇÃO DO COVID-19

A História, tanto antiga quanto recente, relata vários casos em que insetos foram usados como armas biológicas. Obviamente, o covid-19 não requer um vetor de inseto - como a dengue, a febre amarela, entre outras de ainda difícil controle em nosso país - pois nesta pandemia o vetor é o próprio ser humano, mas com certeza demonstra a eficácia de uma doença em causar miséria, morte e destruição econômica. Independentemente de ter sido uma liberação

intencional ou não, a lição é que devemos desenvolver uma infraestrutura de saúde pública forte que possa ser usada para responder a uma introdução acidental ou nefasta de um novo patógeno.

João Manuel Maio
São José dos Campos

ENXERGAR DEUS COM ALMA

Quando o homem branco começou a desbravar o oeste do Estados Unidos, havia ali centenas de tribos indígenas, como os Sioux, Apache, Comanche, Creek, Navajo, Cherokee, Choctaw, Cheyenne, entre tantas

outras. Apesar da reputação de selvagens, eram povos de grande espiritualidade e se valiam das lendas como forma de propagar ensinamentos e ainda perpetuar a sua cultura para as futuras gerações. Muitas dessas lendas atravessam os tempos e, até hoje, provocam reflexões. Uma das lendas, de inigualável grandeza humana, é a que descreve o ritual de passagem da juventude para a fase adulta dos índios Cherokees. Diz a lenda que ao entardecer, o pai pegava o filho pela mão, levava para a floresta, vendava os olhos do jovem ín-

dio com uma tira de couro e o deixava sozinho. O filho se sentava, só, no topo de uma colina, durante toda a noite e não podia remover a venda até que os raios do sol brilhassem no dia seguinte. Se ele passasse a noite toda ali, seria considerado um homem e, portanto, aceito na tenda dos bravos guerreiros Cherokees. O jovem índio estava naturalmente amedrontado. Sem visão e, portanto, com a audição mais aguçada, ele podia ouvir toda espécie de barulho ao seu redor. Os animais selvagens podiam estar na espreita e ataca-lo; talvez alguns

homens brancos ou índios de tribos inimigas pudessem feri-lo; os insetos e cobras podiam picá-lo; talvez sentisse frio, fome e sede. Ele ouvia o vento soprando as folhas e sacudindo os trocos, mas ele não removia a venda. Para os Cherokees, este era o único modo dele se tornar um homem. Finalmente, após a noite horrível, o sol reaparece e a venda é removida. Quando a luz penetra nos olhos do jovem índio ele então descobre o seu pai sentado na colina, ao lado dele. O pai estava ali, em silêncio, a noite inteira, o tempo todo, vigilante, pro-